



Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



“Deitar ao Mar” no Antropoceno

Nasci no Pico e, aos dois anos, fui para a Califórnia. Lembro-me de ouvir as pessoas, tanto nas ilhas quando cá vínhamos, como nos EUA onde vivi 35 anos, usarem expressões populares que refletem a visão que uma sociedade tem do mundo.

Entre as expressões idiomáticas no Português, “deitar ao mar” quer dizer deitar fora, deitar no lixo. Ou seja, estamos a chamar caixote de lixo ao mar!

Olhando o passado, nos Açores, até dá para perceber este uso. Em ilhas rodeadas por um vasto oceano, que parecia não ter fim, o mar era visto como um horizonte interminável, capaz de engolir tudo e todos.

Também, o modo de vida era, como se diz hoje, sustentável. Os restos das comidas alimentavam os animais e as roupas eram feitas em casa. As hortaliças e frutas vinham da horta, os ovos do galinheiro, etc.

O pouco que se comprava era avulso, não empacotado. Assim, o lixo que se produzia era pouco.

Tudo mudou radicalmente. Hoje, cada um de nós produz muito lixo, grande parte de plástico que acaba no mar, e “deitar ao mar” todo este plástico é nefasto.

Cada ano, doze milhões de toneladas de resíduos de plástico vão ter aos oceanos, onde já há ilhas de plástico do tamanho de França visíveis do espaço. Assim, pensa-se que, em 2050, haverá mais plástico nos oceanos do que peixe!

Com o tempo e a ação do mar, surgem os micro-plásticos, partículas inferiores a 5mm que entram na cadeia alimentar dos animais marinhos, e eventualmente na humana.

Eis outro exemplo do Antropoceno, a era em que a ação humana está a alterar o planeta. ♦

Mexeu com Uma Mexeu com Todas - Fim à cultura da violação!

No dia 25 de Maio saiu-se à rua em 5 cidades do país (Porto, Braga, Coimbra, Lisboa e Faro) para dizer “basta!” à cultura da violação

CATARINA FERNANDES
COLECTIVO FEMINISTA DO PORTO

O apelo foi feito por vários coletivos e associações depois da difusão de um vídeo que mostra um rapaz a agredir sexualmente uma rapariga em estado de inconsciência, num autocarro da Queima das Fitas do Porto. A cena é assistida por um grupo de pessoas, que para além de não socorrerem a rapariga, riem e gozam da situação.

A manifestação quis trazer ao debate o facto que estas situações não são casos isolados e que a esmagadora maioria das mulheres e pessoas que são identificadas como tal, já foi assediada, agredida sexualmente ou violada.

A cultura da violação é a que encara as mulheres como objetos sexuais e de consumo masculino. É o entendimento de que elas não são donas da sua sexualidade.

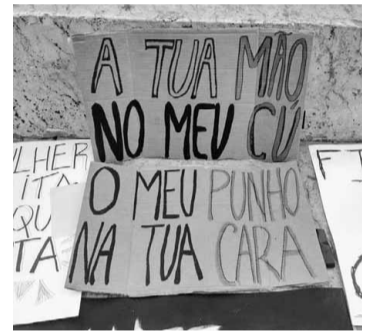
A cultura da violação é aquela que afirma, que os homens são incapazes de controlar os seus impulsos sexuais, desculpando e naturalizando, por isso, os comportamentos agressivos.



JULIANI MATTI



JULIANI MATTI



ÉRICA POSTIÇO

Manifestação a 25 de Maio Lisboa e Porto: contra a cultura da violação que trava a liberdade das mulheres...

Uma sociedade que aceita e assimila esta cultura é uma sociedade que relativiza os crimes contra a autonomia das mulheres: os homens não se conseguem controlar e as mulheres devem estar ao serviço dos impulsos masculinos.

Esta cultura culpabiliza as vítimas em vez de as defender, trazendo para a discussão a forma como as mulheres se vestem, os locais que frequentam, as horas a que o abuso ocorre e o estado de lucidez da vítima e/ou do agressor como argumentos aceitáveis

para o desagravo de um comportamento que é crime.

Esta cultura trava a liberdade das mulheres, porque faz recair sobre elas a responsabilidade de não serem agredidas.

É contra isto que nos levantamos e foi por isso que nos organizamos. Contra uma cultura que desculpabiliza a violência contra as mulheres, as lésbicas, as pessoas trans e as mulheres negras. Uma cultura que ignora os direitos humanos e que transforma as vítimas em culpadas.

Respeitamos todas as vítimas e as suas decisões. A forma como cada mulher decide reagir perante o crime de que foi vítima é decisão sua e tem o nosso respeito e solidariedade. Dia 25 saímos à rua para dizer que não há nós e elas, aquilo que existe são mulheres que todos os dias enfrentam uma sociedade repleta de violência machista. Elas somos nós. Mexeu com uma, mexeu com todas. ♦

Fonte: Apelo à Manifestação Fim à cultura da violação!

Maio 2017

Janela sobre o passado...

No período que antecedeu a

I Guerra Mundial, já se avolumavam, na Europa, as transformações sociais associadas a novos papéis femininos.

Apesar das classes dominantes defenderem que a família tradicional era o garante da estabilidade contra as ideias e os movimentos radicais, acusando socialistas e feministas de procurarem destruir o casamento e a vida familiar, na realidade, os mais conservadores faziam a apologia da grande família patriarcal, quando a família nuclear moderna (casal e filhos) há muito se afirmara, como modelo comum.

De resto, fora a pobreza dos agregados operários que, desde o século XIX, empurrara as mulheres para o mercado de trabalho, enfrentando duras condições e explora-



SUSANA
SERPA SILVA

ção, a fim de engrossarem o orçamento familiar.

A esmagadora maioria das atividades femininas tinha a ver com tarefas domésticas e os baixos salários nem permitiam que vivessem sós e independentes.

Entre a classe média, porém, as jovens continuavam a preparar-se para a maternidade e o casamento (mesmo que por conveniência). ♦

susana.pf.silva@uac.pt

Um tributo às mulheres operárias

Fonte: <http://agranderevolucaoindustrial.blogspot.pt>

